

História da Arte – Parte 2

A Idade Média

1 – O Românico

Durante os séculos XI e XII propagou-se pela Europa Ocidental um estilo novo, dotado de coerência e unidade – o Românico. Desde o ano 1000, com a estabilidade econômica, social e política, desencadeou-se um otimismo coletivo e com isso, uma renovação da arte religiosa. Relíquias apareciam, igrejas e mosteiros eram criados nos locais onde se encontravam restos sagrados. Os mosteiros se convertem em centros econômicos e culturais de primeira grandeza; nisso tudo o papel da igreja foi fundamental e também na gênese da arquitetura românica. Os que mais se destacaram foram os beneditinos que chegaram a ter mais de 1500 mosteiros espalhados pela Europa. Os três mais importantes foram – Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela (catedral é uma jóia desse período).

Como esses centros eram de peregrinações, o estilo Românico se difundiu de um modo uniforme entre as igrejas e mosteiros. O Românico foi chamado de “Arquitetura das peregrinações” ou “arte dos peregrinos” – foi um estilo internacional, uma arte aristocrática inserida no sistema de relações feudais, no qual a arquitetura civil e militar, os castelos e as fortalezas, tiveram um grande peso. A decoração românica é uma decoração com caráter didático que ensina o iletrado e ignorante e convida os peregrinos a entrarem no templo. A pintura era um complemento eficaz da escultura. Os dípticos, os trípticos, as iluminuras nos manuscritos, as tapeçarias, as ourivesarias são outros tipos de manifestações dessa arte vital durante os séculos.

A Arquitetura

O Românico não criou nenhum elemento novo construtivo. O arco de meio ponto, a abóbada de berço e de aresta, o pilar e a coluna já eram patrimônios da arquitetura romana. O que se percebe é a valorização da grandiosidade e uma maior solidez das igrejas. Tetos de madeira foram substituídos por pedras apoiadas sobre grossos muros e pilares.

Traço que predomina na igreja românica – **muro sobre o vão**. As janelas eram escassas e o interior muito escuro, o que convidava ao recolhimento. A planta era em forma de cruz latina. A nave central é coberta com uma abóbada de berço reforçada por arcos. Colados aos muros externos encontramos os contrafortes.

Os primeiros elementos básicos da arquitetura românica apareceram no final do século X na Lombardia, no norte da Itália, mas é na Borgonha francesa onde se ergue a mais destacável mostra de igreja românica abobadada. É o templo mais monumental e rico da Europa, com cinco naves e um claustro – refeitórios, salas, celas, bibliotecas hospital, cozinha, adega, despensa, celeiro, cemitério – configuram um organismo arquitetônico prático e auto-suficiente.

A Escultura

Os monges pretendiam ensinar ao povo analfabeto as crenças cristãs, os evangelhos, a necessidade de penitência, os perigos do mundo, as ciladas do demônio e os horrores e padecimentos do inferno. O escultor teve que submeter-se aos limites impostos que a arquitetura lhe permitia. O que interessava não era a beleza formal, mas sim, a mensagem que iriam transmitir através dos relevos. As figuras eram amontoadas, carentes de

perspectiva, representações alheias à realidade. Um dos assuntos mais comuns desse tipo de arte era o Juízo Final, com Cristo Juiz, os eleitos e os condenados, monstros e demônios. O Cristo românico é uma figura rígida, rodeado por uma forma redonda e com Tetramorfos, pequenas cruces que simbolizavam os quatro evangelistas.

Os temas profanos também faziam parte das esculturas – signos do Zodíaco, as tarefas de campo, monstros, cenas de caça, nus, tudo isso talvez para distrair os monges em meditação.

2 – O Gótico

A palavra gótico significa negro (tom da tinta feita da semente do pêssego torrada e moída), também denominamos a arte surgida entre os séculos XII-XIII e XVI. Tudo o que foi produzido neste período não é um conjunto homogêneo e unitário.

A arte gótica é filha de uma nova sociedade onde a cidade tem um papel principal, a economia renasce assentada na base da falência do feudalismo, o poder real (que entra em luta com a nobreza) assume um novo mecenato nas empresas artísticas dos reis, a religiosidade adquire outros conteúdos e manifestações e as obras de arte cumprem novas funções. O que é denominado arte gótica é o conjunto de tudo que foi citado e um dos modos de expressar por meio das imagens, as catedrais, os palácios, um novo sentido da vida e dos valores. O gótico mostra um novo interesse pela realidade, pela natureza, que porém não chega a romper a ligação entre estas e o religioso, chegando a um equilíbrio entre o sagrado e o profano.

A Arquitetura

No século XII, quando o Gótico começava a nascer, o Românico era uma arte plenamente vigente e ainda iria conviver muito tempo com as novas tendências. Os principais elementos que definem a arquitetura gótica são o arco apontado, a abóbada de ornamentação e o arcobotante. Eles já eram conhecidos, contudo passaram a ser aplicados sistematicamente e conformar uma nova arquitetura de significados novos.

A igreja de Saint-Denis, iniciada em 1132 é um clássico exemplo dessa nova linguagem. A abóbada de ornamentação libera o muro de sua função de sustentação através dos nervos que descarregam as pressões sobre os pilares, compensadas no exterior pelos arcobotantes.

Ao concentrar o peso e as tensões em determinados pontos, o muro perdeu seu encargo de sustentação da cobertura e com isso puderam ser abertos grandes vitrôs, fechados com vitrais.

Os vitrais

O vitral, assim como os esmaltes, a ourivesaria e as jóias, fez parte do universo das metáforas estabelecidas em torno do brilho e da luz da arte gótica. Foi uma arte ligada à arquitetura até o ponto de transformar o espaço interno do edifício. Um vitral é um fechamento de vários painéis formados com diversas peças de vidro coloridos, pois cada vez que o vidreiro queria trocar de cor tinha que trocar de vidro; unidas por chumbos e pintadas com grisalha cozida ao fogo para garantir a fixação da pintura eram um espetáculo aos olhos dos fiéis.

Na basílica de Saint-Denis e na catedral de Chartres iniciou-se esse processo que, ao longo do século XIII expandiu-se para as principais catedrais como Bourges, Reims,

Amiens, etc. Existem edifícios (Saint Chapelle) que parecem idealizados unicamente para servir de suporte a um ciclo monumental de vitrais.

As catedrais

O muro de pedra com uns poucos vãos dá passagem ao muro translúcido de vidro, com grandes vitrões e um corpo de vitrais ao longo de cada nave lateral. Verificamos a presença da rosácea com um arco-íris de luz colorida e mutável. A iluminação de Chartres da Saint Chapelle, introduzia uma relação com idéia de Deus como luz do mundo como é citado em vários textos sagrados. O muro translúcido cria um ambiente fictício, etéreo, onde as massas perdem corpo e peso.

Os arquitetos das catedrais góticas deram uma grande elevação a seus edifícios, mas menor do que parece. A altura varia entre 30 a 42 metros. É uma falsa percepção que faz com que sejam muito altas devido à leveza que produzem. É criada uma perspectiva invertida suprimindo a sensação de peso e acentuando a altura e leveza. Esse sistema estendeu-se pela Europa sufocando pouco a pouco o Românico.

A escultura

A Virgem Maria já não aparece mais no trono de Deus, mas sim como mãe de Cristo e intermediária entre Deus e os homens. O Cristo crucificado abandona o hieratismo (seriedade e rigidez) e introduz uma sensação de dor e expressividade que o faz mais humano. A escultura atinge seu auge nas portas das catedrais onde foram produzidas a maior concentração de esculturas já imaginadas. Funcionavam como uma bíblia para os que não sabiam ler relacionadas com os vitrais do interior.

O Românico tardio

É a evolução tardia do estilo arquitetônico que combinou o estilo românico com o gótico. Desenvolveu-se a partir de meados do século XII e início do XIII. Apresenta duas variantes diferentes:

- Românico de características preciosistas;

A escultura separa-se do caráter simbólico e aproxima-se do naturalismo.

- Românico de influência cisterciense: (mosteiros)

Os mosteiros tiveram um desenvolvimento espetacular na Europa a partir do século XII e XIII e a partir da quarta década do século XII na Espanha. São mosteiros construídos conforme uma grande sobriedade ornamental “mosteiro dos monges brancos”. Sua arquitetura é de grande qualidade.

A Miniatura e a Pintura

A modalidade que conheceu um grande apogeu foi os Saltério (livro de salmos), decorado com miniaturas para uso de particulares (nobres e membros da monarquia). No Saltério de São Luís, rei da França, tudo é mais expressivo, refinado e aristocrático. A miniatura e o vitral não substituíram a pintura de mural ou as pinturas sobre as tábuas (retábulos).

Arquitetura Gótica na Europa

A França é o berço do Gótico. Na sua fase inicial encontramos a Abadia de Saint-Denis e Notre-Dame de Paris. No período clássico destacam-se as catedrais reais, Reims, Amiens e Chartres. No período maneirista destaca-se a Santa Capela de Paris e a catedral de Rouen.

Na Inglaterra o gótico apresenta três etapas:

- O estilo primitivo: Catedral de Canterbury;
- O estilo decorativo: Catedral de York;
- O estilo perpendicular: Catedral de Westminster.

O gótico quase não entrou na Itália, mas é característico da arquitetura civil, destacando-se o palácio ducal Casa de Ouro em Veneza.

3- O século XV- *Quattrocento Italiano*

No começo do século XV foi produzida em Florença uma renovação das artes de importância única no hemisfério ocidental. Os artistas pretenderam queimar tudo que se ligasse ao passado medieval, uma época de trevas aos seus olhos. Pretendiam com isso enlaçar os modelos clássicos da Antiguidade.

O Renascimento não foi só um movimento artístico, foi uma transformação que afetou a economia, as relações sociais, as formas de vida, a ciência e a religiosidade. Esse movimento foi conhecido como Humanismo.

A arte participou de tudo isso experimentando uma mudança radical em sua concepção e função na valorização social do artista. O Renascimento não foi uma mera imitação da Antiguidade Greco romana. Esta converteu-se em uma referência obrigatória que devia ser superada com a criação de uma nova linguagem. Florença foi a pioneira, seguindo-se de Ferrara e Veneza.

Devemos entender *quattrocento* não como uma arte que se cria em Veneza e se imita em outras partes, mas como uma soma de correntes diferentes unidas que começa sua caminhada em Florença. No Renascimento as obras são impregnadas de unidade, proporção (Canon clássico), interesse pela anatomia, naturalidade, ritmo e mesura. É a partir do Renascimento que descobre a perspectiva, seu estudo e codificação.

Escultura

O modelo de anatomia são as amostras Greco- romanas, que possuem naturalidade, conjunto e expressão. O escultor renascentista traduzia aqueles ideais para o mundo moderno, todo um programa modelado em bronze, mármore ou barro, tanto pagão como religioso, todos se completam e não se excluem e a idéia é ter o homem como o centro do universo e sua profunda religiosidade, conforme o ideal humanista de concordância.

O escultor renascentista mostra corpos organizados, bem proporcionados, onde as costas ou os flancos articulam-se com o torço com naturalidade tal como se percebem rodeando a estátua. Na escultura livre, o artista pensa na proporção do volume como corresponde a cada parte sem que atrapalhe o conjunto. Tudo adequado a percepção humana. **Donatello** foi um dos principais definidores da nova linguagem.

Arquitetura

Brunellesch rompeu com seu trabalho toda tradição gótica. Foi um dos artistas florentinos que mais pesquisaram sobre os problemas da perspectiva e da proporção, como se pode observar em seus projetos. Sua arquitetura recupera o clássico. Uma das suas obras

mais importantes é a cúpula da igreja Santa Maria Del Fiore, cuja encomenda foi feita em 1.418. A enorme cúpula mudou a cidade e transformou-a em um emblema da nova cultura. Brunellesch teve que arrematar o templo que já havia sido iniciado à quase cem anos.

Foi **León Batista Albert** quem definiu o novo classicismo de uma maneira precisa, tanto na teoria, como na prática. Humanista, culto, filólogo, concluiu um obra já iniciada, redescobriu o mármore branco e partiu das formas clássicas para criar um novo classicismo que superasse o antigo.

A pintura

Sabendo que o Renascimento não é uma imitação, mas uma nova linguagem a partir da antiguidade, os artistas do *Quattrocento*, em especial os pintores não deixaram de investigar, experimentar e buscar novas soluções no campo da figuração e da representação. Sabe-se que a marca diferencial entre o que é Renascentista e o que não é observando-se a perspectiva como solução e seu uso cada vez mais correto como investigação e correção.

A pintura Renascentista busca o equilíbrio. **Masaccio** aplicava à pintura a nova maneira de modelar a realidade. Um dos pintores mais obcecados pela perspectiva foi **Paolo Uccello**. Pode-se ver isso claramente em “Nicolo Da Tolentino na batalha de São Romano” o guerreiro morto, as lanças e armaduras esparramadas pelo solo. Andrea Mantegna também utilizou novos ensaios sobre a perspectiva tendo uma grande preocupação com a expressividade arqueológica.

Sandro Boticelli foi o menos interessado nessa experimentação, era mais preocupado em imprimir uma fantasia melancólica e nostálgica como vemos no seu famoso “O nascimento de Venus”.

A difusão do Renascimento na Europa

Ao longo desse século a nova cultura humanista foi sendo propagada pela Europa. A Itália exporta pinturas e esculturas (para túmulos). Muitos artistas europeus viajaram para a Itália para estudarem, conhecerem e assimilarem a nova linguagem. Muitos professores que introduziam temas renascentistas, tinham base na tradição gótica.

A Florença dos Médicis

No final do século XIV, a família dirigente de Florença eram os Albizzi. Seus principais oponentes eram os Médicis que controlavam o maior banco da Europa e com isso passaram a ser a família governante, posição que manteriam por três séculos. A cidade era uma república até 1.537 (data que marca o fim do Renascimento em Florença).

Os Médicis trouxeram prosperidade a cidade, deram um fim a guerra contra Milão. Cosme foi um importante mecenas artístico.

O século XVI – Classicismo e Maneirismo

O século XVI é o marco da arte, é um período criativo, mas de difícil classificação que legou obras primas executadas por artistas imortais, que dominavam quase todas as artes, como prescrevem as regras do Humanismo. Costuma-se dividir de uma maneira simples este século em duas etapas: dos finais do século XV até o saque de Roma em 1.527 – Classicismo Renascentista, a partir daí Maneirismo (visão distorcida pelo subjetivismo e intelectualismo).

As vezes temos Classicismo e Maneirismo contemporâneos. O Renascimento e seu ideal logo se distorcem, mudam, diluem-se nos variados estilos englobados pelo Maneirismo. Florença sede lugar a Roma, que recolherá o testemunho.

A arquitetura

Os arquitetos do período 1.480 – 1.527 se fixaram especialmente na Grécia do século V a.C e em Roma de Augusto. As tendências maneiristas são percebidas em princípio nos mestres que se dedicaram à arquitetura quase obrigados por seus mecenas, depois de passar pela pintura e escultura, como é o caso de Michelangelo e Rafael. A pintura e a escultura contaminaram a arquitetura. O maneirismo foi visto como um estilo intermediário entre o Renascimento e o Barroco. Por meio da distorção de múltiplos elementos arquitetônicos obtiveram deslumbrantes efeitos figurativos.

Os arquitetos do século XVI continuaram obcecados pela igreja como a forma mais perfeita de alcançar o Classicismo. Os palácios também foram característicos desse século. Considera-se **Bramante** como o arquiteto que melhor soube modelar o Classicismo Arquitetônico que chegou ao seu ponto alto com as obras que realizou em Roma. É uma obra universal para o homem e pelo homem. Tem simetria, racionalidade e regularidade. Michelangelo, genial artista, autêntico, arquétipo do humanismo, destacou-se tanto na pintura, na escultura e na arquitetura, realizando importantes obras em Florença e Roma. Em 1.546 encarregou-se da direção de São Pedro do Vaticano. A partir dos planos iniciais de Bramante que simplificou ao máximo realizou um projeto de planta central em forma de cruz grega e destacou a simbólica cúpula de 42 metros de diâmetro. Morreu antes de terminá-la e seus desenhos foram mudados pelos arquitetos que o sucederam.

A Escultura

No final do século XV, os escultores dominavam a técnica. Os artistas então, começaram a repetir-se, tinham atingido o ápice e não restava muito a fazer ou a dizer. **Michelangelo** que se considerava escultor acima de qualquer outra coisa, brilhava com sua própria luz e seu talento não se detém nas conquistas que vai obtendo e sim evolui constantemente nas suas esculturas sem descanso. Destacam-se em Michelangelo seis períodos fundamentais:

- 1- A virgem da escada; (Florença)
- 2- A Pietá; (Roma)
- 3- Davi; (Florença)
- 4- A tumba de Júlio II com Moisés; (Roma)
- 5- A tumba dos Médicis; (Florença)
- 6- As Pietás (Santa Maria Dei Fiore, Rondanini e Palestrina); (Roma)

Dominou a proporção da anatomia, da perspectiva de forma impressionante, não obedecendo as regras clássicas. Muda o que lhe interessa a seu modo de ver (contraste de luz e sombras, dobras dos vestidos).

Muitas vezes, a palavra maneirismo se refere aos artistas que tentaram em vão imitá-lo.

A pintura

O ser humano passa a ser a medida de todas as coisas. Cadáveres são dissecados e estudados, desenham-se músculos, tendões e ossos, recorre-se a geometria e a aritmética, comparam-se e medem-se as proporções. Não vale só o visual, mas sim o aritmético, a

norma, a regra e a lei. Estamos diante de obras monumentais fechadas, redondas, austeras, cheias de contenção e serenidade.

Leonardo da Vinci é racionalista, humanista, arquiteto, escultor, músico, engenheiro; pintor, dirige seus esforços a obter um critério único, uma norma universal que defina um Classicismo pleno. Tem poucas obras, mas cada uma delas evolui com grande precisão. Seu trabalho compõe-se de desenhos, apontamentos, estudos de anatomia, planos e esboços. Suas obras: Anunciação, Madona do Cravo, São Jerônimo, Adoração dos Magos, A última Ceia, A virgem dos Rochedos, são as mais célebres. Desde menino, mostrou aptidões para as artes e para o desenho. Possuía grande capacidade de observação, estudou física (mecânica), música e naturalismo (biologia). Leonardo deixou registros em que podemos afirmar que foi o primeiro a idealizar um avião, um tanque de guerra, um escafandro, um pára quedas e um aparelho semelhante a um helicóptero. Estudou fósseis ao longo de sua vida. Sempre foi um vegetariano. Viveu em Roma, onde trabalhavam Rafael e Michelangelo, sem ter nunca contato com eles. Faleceu uma semana antes de completar 67 anos na França em 1.519, nos braços do Rei Francisco I.

Michelangelo, sobre tudo escultor, percebe que não existe um modelo clássico e rompe com os conceitos de Leonardo, expondo uma diversidade de pontos de vista. Sagrada Família, com figuras de posturas difíceis e cores definidas, funde o cristianismo da antiguidade clássica. Não devemos nunca nos esquecer dos afrescos da Capela Sistina, onde passou quatro anos fechado, enchendo a abóbada de inúmeras figuras sem que a confusão reinasse no conjunto. É o maior e mais grandioso programa iconográfico realizado a partir do antigo testamento que profetizam a redenção do gênero humano. Une o mundo pagão ao cristão, com formas de grande poder inspiradas nas esculturas clássicas. O prodigioso uso da cor a majestade de Deus, a serenidade dos personagens, a dor de outros, os estudos de anatomia, são alguns traços que podemos perceber nesta deslumbrante obra prima de todos os tempos.

Rafael, influenciado por Leonardo e Bramante quando chega a Roma, pende por Michelangelo, conserva as teorias de Leonardo e produz uma obra racional e expressiva que podemos considerá-lo a síntese do Renascimento. Rafael ilumina uma nova concepção de pintura, harmonia, suave e graciosa com poderoso senso de composição. O equilíbrio e a serenidade do conjunto, elegância das posturas, a naturalidade são os traços do artista. Destacamos as Três Graças, As Madonas, As Sagradas Famílias, A Virgem do Baldaquino, São Jorge e o Dragão, entre outras obras primas.

O Barroco

O termo Barroco é usado para designar as manifestações artísticas na Europa e na terras Ibero-Americanas, durante o século XVII e início do século XVIII. O Barroco não é classificado como um movimento artístico. É todo um sistema ideológico e cultural, coerente, que faz uso de diferentes soluções estéticas e formais com um claro predomínio das sensações e do movimento, frente ao equilíbrio racionalista do Renascimento. No barroco é básica a representação do homem, da natureza, a afirmação das emoções, a fusão das artes. Dotado de uma extraordinária riqueza de símbolos, faz parte de uma cultura cujas chaves devemos conhecer para podermos melhor entender. É considerada a arte da Contra-Reforma e do Concílio de Trento, a serviço da causa católica, mas é uma arte tanto de protestantes como de católicos. O cenário do Barroco é a cidade que lhe serve de moldura, onde se localizam a arquitetura e as artes em constante exaltação religiosa.

Não pode ser definido como um estilo unitário e único, mas sim como uma distinta corrente que pôs a arte a serviço do poder. A arquitetura e as artes plásticas refletem a diversidade política e religiosa do momento. Foi o grande momento do Papado que era o

maior mecenas das artes. A Igreja conclamava os fiéis a piedade impondo seus programas iconográficos enunciados no Concílio de Trento. Os reis exigiram uma arte que conclamasse seu poder e glória. Daí que vemos os monumentos, os sepulcros papais e os retratos equestres. Nos países europeus assolados pela Guerra dos Trinta Anos, o barroco chegou mais tarde. Na Espanha surge também uma fantasia decorativa muito importante na sua arquitetura, dotada de grande originalidade.

Arquitetura e Urbanismo

Os papas e a Igreja foram os grandes mecenas que transformaram Roma em fruto de numerosos programas urbanísticos. Assim como Roma, diversas cidades foram objeto de reformas urbanísticas. O Barroco é uma arte essencialmente urbana. A cidade é um cenário onde aparece a arquitetura do efêmero – portais, arcos, procissões, canonizações, exaltações e entradas triunfais. Aparece então a capital, onde se estabelece a corte e a estrutura política, burocrática e administrativa.

As estruturas renascentistas sofrem uma profunda modificação no final do século XVI. Os arquitetos do barroco são guiados pela emoção. O movimento enche os muros com curvas, linhas côncavas e convexas. Abandonam-se a sobreposição clássica das ordens nas fachadas e tudo se volta para a verticalidade. Os frontões se quebram ou se curvam, as colunas se retorcem (coluna salomônica), as molduras e nichos cobrem os muros. As cúpulas adquirem uma grande notoriedade. A característica principal da arquitetura é a primazia sobre as demais artes, sujeitas a ela em um processo de fusão. A escultura e a pintura integram-se a ela conseguindo um efeito cênico, óptico e de perspectiva espetaculares. Os afrescos, os relevos, mármore, estuques, dourados, cobrem os tetos e paredes conseguindo criar uma atmosfera de ilusão na qual a luz converte-se em protagonista.

Roma

Desde o final do século XVI, os papas empenharam-se em engrandecer Roma e em convertê-la na capital do catolicismo. Sixto V ocupou-se com o traçado de praças com fontes e obeliscos. Arremata a cúpula de São Pedro e nos primeiros anos do século XVII, altera a planta projetada por Michelangelo. A conclusão da Basílica tem lugar com a ordenação e criação de uma nova praça cuja finalidade é abrigar a multidão para receber a bênção papal. Coube a Bernini – escultor e arquiteto que marca com seu gênio uma época, conseguir na praça de São Pedro efeitos cenográficos que permitiam melhor visão em perspectiva da Basílica. Isso constitui numa manifestação do Triunfo do Catolicismo e uma metáfora que quer dizer que a igreja acolhe seus fiéis em seu seio.

França : Versalhes

Na França o Barroco é mais moderado empregado de forma clássica para iluminar uma arte a serviço da monarquia. O Rei Luís XIV também chamado o Rei Sol, controlou toda a atividade artística. Na arquitetura religiosa destaca-se a Igreja dos Inválidos, porém foi o Palácio (Louvre) a manifestação mais clara do Absolutismo, com interiores suntuosos e refinados. Tudo chega ao auge no Palácio de Versalhes, que depois de profunda remodelação feita por Luís XIV decidiu pra lá transferir a corte. É uma profunda integração de cidade, palácio e jardins. Versalhes domina a natureza e estende a sua simetria pelos jardins circundantes, que formam um traçado geométrico e ordenado com amplas avenidas radiais com grandiosas fontes. Símbolo do centralismo, absolutista do Rei Sol, possui traços inconfundíveis do Barroco, que se estenderam até não mais poder por toda Europa.

A escultura

Na escultura Barroca o espectador faz parte da ação. Inspirando-se na realidade os artistas imprimem um grande dinamismo nas suas obras, insistindo nos gestos e atitudes dos personagens. A escultura vive o momento de máximo esplendor e é empregada para a decoração de interiores e exteriores, igrejas e palácios, jardins e parques e em fontes das mais criativas. O material empregado é o mármore, o bronze em sua cor dourada, e chumbo pintado de verde. O efeito teatral é buscado e tudo tem conteúdo dramático.

Bernini foi o maior escultor do Barroco, destacando-se o Davi, Apolo e Dafne, onde consegue captar o momento, o instante preciso no qual se desenvolve a ação (Dafne se transforma em loureiro). A obra prima de Bernini é o “Êxtase de Santa Teresa” na Capela Cornaro, onde acrescentou o poder da luz, criando focos dramáticos de atenção. O rosto da Santa mostra uma imensa dor ao mesmo tempo em que a felicidade aparece. O anjo arranca com um sorriso de triunfo a flecha do seu coração. Bernini utilizou diversos materiais, assim como o fez na Capela de São Pedro, em Roma.

A Pintura

Através da pintura, abre-se um canal ideal para transmitir idéias políticas e religiosas, onde todos são capazes de entender sem grandes interpretações. O naturalismo é característica essencial da pintura e também as novas regras impostas pela igreja com o objetivo de emocionar e comover os fiéis. A pintura sacra, enche-se de martírios, penitências, santos em êxtase. Os pintores abandonam representações ideais e extraem da realidade todos os seus traços, por isso vemos nas pinturas infinitos traços populares da vida cotidiana. Os personagens adotam gestos exagerados. O que mais é notório no Barroco é o efeito e qualidade da luz. Aparecem as naturezas mortas, as paisagens e o retrato que tinha sua caminhada iniciada no Renascimento, passa a refletir a personalidade e o ânimo, além de sua posição social. As cores predominam e é superada a composição simétrica do Renascimento, aparecendo nova ordem como as bases e diagonais. A mitologia não foi abandonada, pois os heróis e deuses olímpicos são utilizados para elogiar a monarquia e a nobreza.

Itália

As portas do Barroco na Itália foram abertas por um artista que superou os modelos maneiristas precedentes. Seu nome – **Caravaggio**. Representou as coisas tais como são e preencheu suas cenas com personagens populares, vulgares que muitas vezes escandalizaram a sociedade. Quando pintou a “Morte da Virgem” tomou como modelo uma mulher morta que segundo dizem era um prostituta que com ele teve um caso. Sua grande contribuição ao Barroco foi o tratamento da luz. Suas obras principais são: O Santo Enterro, A Conversão de São Paulo e A Vida de São Mateus. Vários outros pintores seguiram um caminho diferente em repúdio aos Maneiristas, entre **eles Aníbal Carracci** que eliminou o aspecto vulgar de cada pintura e se voltou aos modelos da antiguidade.

França

A corrente naturalista também esteve presente na França com um importante pintor chamado **Georges Latour**, onde através das suas pinturas vemos grande influência de Caravaggio, tanto na luz, quanto nos personagens. Um dos seus quadros mais famosos é São José Carpinteiro, onde a luz da vela atravessa as mãos do menino Jesus.

Espanha

O naturalismo, estudo da luz de maneira tenebrosa e a influência de Caravaggio também são sentidas na pintura espanhola. **Ribeira**, o Spagnoletto foi o expoente mais claro dessa tendência com sua pintura onde se destacam mendigos, velhos e aleijados, que representam santos, penitentes e mártires. Como dominava perfeitamente a anatomia, retrata com frequência os corpos nus, gastos e enrugados.

Diego Velázquez é o artista com melhor domínio da pintura e da luz, sendo portanto o pintor que melhor representa o Barroco espanhol. A cada dia que passava, sua técnica foi se tornando mais solta, suas cores mais brilhantes e seus tons se tornando azuis e esverdeados. No quadro “As Meninas”, sua técnica é de uma maestria insuperável na perspectiva e profundidade. Esse quadro é muito complexo por sua composição e simbolismo no qual modela um instante cotidiano da corte, com suaves e calculados planos de luz e sombra, de ar, onde os reis e o próprio Velázquez que está pintando a cena, estão refletidos em um espelho, artifício que integra o próprio espectador. “As Meninas” é um dos quadros considerados mais importantes do mundo, superando as vezes até a “Monalisa” de Da Vinci.

Holanda

A Holanda era comercial, burguesa e protestante, desenvolveu uma pintura muito afastada da alegoria. Os pintores cultivavam todos os gêneros: paisagens, retratos, cenas de costumes, quadros de cavaletes que as famílias ricas burguesas penduravam em suas casas. O assunto predominante era a vida cotidiana. O retrato era sempre coletivo, a pincelada era espontânea e o colorido luminoso, onde estampa o instante e o caráter do retratado. **Rembrandt** foi o grande gênio da pintura holandesa. Mostrou influência de Caravaggio, porém sua pintura se torna suave e esfumada, com uma atmosfera dourada e misteriosa. Fez infinitos auto retratos. Gostava dos temas bíblicos e seus quadros quase chegam ao Impressionismo - “A Noiva Judia”, “O Retorno do Filho Pródigo”. Seus últimos auto retratos refletem sua desgraça familiar e sua solidão e ruína econômica. **Jam Vermeer**, de Delft reproduziu com impressionante realismo as cenas da vida cotidiana em personagens realizando tarefas simples. Quase sempre são interiores nos quais a luz entra através de uma janela, inundando o aposento. Seus quadros mais famosos são: “A Carta”, “A Leiteira” e “Moça com o Brinco de Pérolas” também conhecida como a Monalisa da Holanda.

Pieter Paul Rubens é o pintor mais expressivo da escola Flamenga e o mais cosmopolita internacional de todos artistas do século XVII. Alcançou domínio absoluto da cor e dos pincéis, suas cores são quentes, harmoniosas e brilhantes. Recebia encomendas de todas as partes e pintava todos os gêneros. Sua pintura sacra é belíssima, mas é na profana que alcança otimismo, alegria, dinamismo e colorido da vida. Seus homens são fortes e musculoso, de grande vitalidade e suas mulheres são loiras, femininas, gordas e carnudas, opulentas de pele nacarada. Sua obra é um exemplo de fantasia.